

5

Aspectos metodológicos

“A pesquisa em sala de aula pode ser direcionada para tentar entender e lidar com problemas práticos que professores e alunos se deparam”

(Allwright & Bailey, 1991: 37).

5.1

Introdução

O objetivo deste capítulo é tratar de questões metodológicas em que se baseia este trabalho de pesquisa. As questões propostas aqui foram pesquisadas com base na análise sócio-interacional do discurso. Foi realizada uma análise qualitativa, com o objetivo de investigar a sala de aula como um construto social em que as relações interacionais atuam como possíveis mediadores da sócio-construção do conhecimento.

Para a realização desta pesquisa, procurou-se uma metodologia apropriada para o foco da investigação. Lüdke e André (1986) afirmam que não existe um método de pesquisa que possa ser determinado como o melhor ou mais eficaz, embora muitas pesquisas já tenham sido realizadas nesta área. Segundo Stubbs e Delamont (1976, In: Lüdke & André, 1986: 15), “a natureza dos problemas é que determina o método, isto é, a escolha do método se faz em função do tipo de problema estudado”.

Ao apresentarem um estudo sobre metodologia, Lüdke & André (1986) ressaltam que o pesquisador desenvolve a sua investigação passando por três etapas: exploração, decisão e descoberta. Na primeira fase, o pesquisador seleciona e define os problemas, o local onde o estudo se realizará e estabelece contatos para a entrada em campo. É nessa fase que as primeiras observações são feitas e também a seleção sistemática de aspectos que realmente serão investigados. Schatzman e Strauss (1973, In: Lüdke & André, 1986: 15) afirmam

que neste tipo de pesquisa o problema não precisa estar diretamente vinculado a uma linha teórica predeterminada nem é necessário que haja hipóteses explicitamente formuladas, bastando que o pesquisador possua um esquema conceitual a partir do qual possa levantar questões relevantes. Na segunda fase, o pesquisador busca sistematicamente os dados selecionados como mais importantes com o intuito de compreender e interpretar o fenômeno estudado. Finalmente, na terceira fase da pesquisa, busca-se dar conta de explicar o fenômeno estudado, tentando-se encontrar os princípios subjacentes ao fenômeno e situar as várias descobertas num contexto mais amplo. Ainda segundo Lüdke & André (1986), essa interação contínua entre os dados reais e as suas possíveis explicações teóricas permite a estruturação de um quadro teórico dentro do qual o fenômeno pode ser interpretado e compreendido. O trabalho que realizo se inspira nesta visão de pesquisa, e mostrarei em seguida o desenho metodológico que se criou para explorar as questões de pesquisa.

Neste capítulo, primeiramente, apresento uma breve definição de abordagem qualitativa e de microetnografia de pesquisa. Em seguida, descrevo os procedimentos para a coleta de dados, assim como o lugar e os participantes envolvidos na pesquisa. E, finalmente, focalizo nos conceitos utilizados para a análise dos dados da pesquisa.

5.2

Abordagem qualitativa

A pesquisa que se caracteriza como qualitativa ou “naturalística” tem por objetivo observar, estudar e analisar o fenômeno sem manipular o objeto de estudo ou tratá-lo experimentalmente. Desse modo, a pesquisa qualitativa considera todos os componentes envolvidos no estudo, observando-os de forma holística e tendo “o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento” (Ludke & André, 1986). Faz-se necessário esclarecer que, para um melhor estudo qualitativo dos dados desta pesquisa, as perguntas elaboradas no questionário não serão relacionadas diretamente com suas respectivas respostas, mas sim com os macro tópicos das

quais elas fazem parte. Desta forma acredita-se haver um melhor aproveitamento das respostas, fazendo-se assim uma relação mais clara entre elas.

A seguir, analiso brevemente a pesquisa micro-etnográfica que caracteriza-se como um tipo de pesquisa que pode ser associada à abordagem qualitativa com o intuito de contribuir para a análise dos dados.

5.3

Pesquisa micro-etnográfica e qualitativa

A pesquisa micro-etnográfica (cf: Erickson, 2001) é uma abordagem que tem como propósito essencial documentar em detalhe o desenrolar dos eventos cotidianos e identificar os significados atribuídos a eles, tanto por aqueles que participam quanto por aqueles que os observam. Dessa mesma forma, essa abordagem idealmente envolve observação e participação de longo prazo no cenário que está sendo estudado, com a finalidade de propiciar familiarização com os padrões rotineiros da ação e interpretação que constituem o mundo cotidiano local dos participantes.

Segundo Erickson (2001), parte da responsabilidade do etnógrafo é ir além do que é entendido explicitamente, “identificando os sentidos que estão fora do alcance da consciência dos atores locais”. Dessa forma, a ênfase nesse tipo de pesquisa “é descobrir tipos de coisas que fazem a diferença na vida social; ênfase na *qualitas* mais do que na *quantitas*” (Erickson, 2001: 12).

Com o objetivo de estudar a língua em uso, utilizando entrevistas e observação dos participantes da interação como método para coletar dados, a pesquisa micro-etnográfica se preocupa em documentar com precisão as interações face a face que ocorrem no contexto estudado fazendo uso de gravações de vídeo e áudio.

De acordo com Erickson (2001), através das gravações em vídeo, as questões levantadas podem ser estudadas mais detalhadamente e as interações podem então ser observadas sob vários ângulos. Utilizando esses instrumentos de pesquisa, é possível fazer inferências mais precisas e com mais riqueza de detalhes, já que as interações gravadas podem ser revistas quantas vezes forem

necessárias. Faz-se necessário esclarecer que, neste trabalho de pesquisa, somente partes das aulas gravadas foram analisadas e estudadas, com o intuito de otimizar os dados e de buscar um melhor entendimento acerca das questões propostas. Entretanto, segundo Spitalnik (1996), existem algumas limitações no uso do material gravado em vídeo. Primeiramente, sabe-se que várias circunstâncias podem influenciar as interações face a face. A classe social, história de vida, grupo social, estado de espírito e outros fatores exercem uma forte influência nas interações no contexto sala de aula, mas não podem ser colhidos através de gravação em vídeo. Erickson (2001) afirma que o etnógrafo deve utilizar dois métodos primários de pesquisa e coleta de dados: observar e perguntar. Logo, faz-se necessário entender que “o que as ações das pessoas significam para elas pode ser aparente a partir da observação, no entanto, é necessário perguntar-lhes por meio de entrevistas formais e informais para confirmar tais sentidos” (Erickson, 2001: 13).

Logo, entende-se que tanto a gravação em vídeo como as entrevistas são abordagens essenciais para uma coleta de dados que se aproxime com bastante precisão da realidade dos acontecimentos. Através desses meios, o pesquisador busca dar conta de analisar de forma mais profunda o objeto que se quer focalizar na pesquisa. Essas observações, segundo Erickson (2001), podem gerar *insights* sobre a organização e a interpretação das ações recorrentes no contexto sala de aula. A pesquisa micro-etnográfica é uma abordagem que,

“trata do significado literal e metafórico das ações para os atores sociais enquanto ainda documenta essas ações concreta e detalhadamente na sua realização rotineira. É o método de pesquisa fundamentalmente mais construtivista à nossa disposição e é especialmente apropriado para tornar analítica e narrativamente visíveis os aspectos mais prosaicos do cotidiano. Uma vez que os ambientes de aprendizagem são constituídos recursivamente pelas práticas discursivas do cotidiano da sala de aula, a microetnografia é um meio de descobrir a natureza interacional dos ambientes de aprendizagem num nível de especificidade analítica que pode sugerir maneiras de mudar, para melhorar as práticas pedagógicas e curriculares, assim como compreendê-las e descrevê-las tais como se apresentam no momento” (Erickson, 2001: 12).

5.4

Objetivos da pesquisa

O foco deste trabalho de pesquisa concentra-se em como os alunos vivenciam o momento em que comentem erros orais em sala de aula de língua inglesa, assim como suas experiências e sentimentos nesses momentos. Esses elementos serão fundamentais para buscar entender melhor o processo de aprendizagem de língua inglesa.

Assim, os objetivos deste estudo são investigar e analisar a vivência de erro que os alunos de língua inglesa de dois diferentes contextos experimentam em sala de aula. Para que esta investigação se efetive, as perguntas abaixo são propostas:

- Como os alunos percebem e vivenciam o erro oral em sala de aula?
- Como a correção é vivenciada pelos alunos quando corrigidos pelos colegas, pelo professor, ou por eles mesmos (auto-correção)?

5.5

Contexto e participantes

Os contextos desse trabalho de pesquisa são as salas de aula de um curso de Inglês A e um curso em uma Fundação B. No primeiro contexto (A), as aulas são semanais, com duração de uma hora e quinze minutos, e o livro didático adotado foi o *NewInterchange 2* da editora Cambridge. Os participantes da pesquisa são 13 alunos, adolescentes (entre 13 e 16 anos de idade), moradores da Tijuca e, em sua maioria, de classe média alta. A sala é de tamanho médio, bem arejada, com boa iluminação e equipada com aparelho de ar condicionado, som,

vídeo e televisão, todos de boa qualidade. A disposição das carteiras costuma ser em semicírculo, com a professora ficando entre ou de frente para os alunos.

Neste contexto, atuei como professora (participante) e como pesquisadora (observadora), com essas duas funções se alternando, e em muitos momentos da pesquisa, até mesmo se sobrepondo. Segundo Lüdke & André (1986), um dos grandes desafios desse tipo de abordagem está no papel e nas tarefas exercidas pelo observador, que precisa ser capaz de tolerar ambigüidades, ser capaz de trabalhar sob sua própria responsabilidade e inspirar confiança. Contudo, acredito que o papel de pesquisadora, em alguns momentos da pesquisa, soma-se ao papel de professora com a finalidade de selecionar sistematicamente os dados, ao estipular que determinada parte da aula seria usada para a pesquisa. Trabalho com este grupo há um ano, o que facilitou bastante o início desta pesquisa. Além disso, por haver uma relação bastante próxima e direta neste ambiente de trabalho, a gerente me deu liberdade para permanecer com o mesmo grupo de alunos no semestre seguinte.

A turma acompanhada foi de nível Intermediário, no qual os alunos localizam-se na metade do curso total, demonstrando bastante reciprocidade ao participarem da pesquisa e da dinâmica das interações que se estabeleciam em sala de aula. Faz-se necessário esclarecer que todos os participantes foram informados e concordaram com a realização da pesquisa durante as aulas. Entretanto, os objetivos específicos da investigação não foram divulgados a fim de não prejudicar a coleta dos dados. Além disso, os nomes verdadeiros dos alunos participantes foram modificados com o intuito de evitar possíveis constrangimentos.

No quadro a seguir, apresento as datas das gravações das aulas:

Nome dos Participantes: GRUPO A	Idade	Data das gravações
Beatriz	13	1º semestre de 2005
Bianca	13	16/ 05 e 13/ 06
Clara	14	
Daniela	15	
Dora	13	e
Eric	13	
Felipe	13	
Jill	13	
Lucas	13	2º semestre de 2005
Mariana	16	12/09
Patrícia	13	
Pedro	14	

Thais TOTAL: 13 ALUNOS	14	
---------------------------	----	--

Figura 3: Descrição dos participantes e gravações do Grupo A.

O segundo contexto analisado foi o B, que também se caracteriza como um curso de Inglês, porém não onera os alunos, sendo totalmente gratuito. Nesse curso, as aulas eram semanais, cada uma com duração de uma hora e quarenta minutos, e o livro didático adotado foi o *NewInterchange 1*, também da editora Cambridge. Os participantes dessa pesquisa são um grupo de 17 alunos, adolescentes e adultos (entre 18 e 45 anos de idade), com nível de inglês básico, moradores da comunidade do Cantagalo, zona Sul do Rio de Janeiro, e com poucos recursos financeiros. A sala é bastante grande e com iluminação razoável, sem som estéreo nem televisão. Também não há vídeo cassete nem ar condicionado. A disposição das carteiras também costuma ser em semicírculo, com a professora de frente ou entre os alunos. Apresento, no quadro a seguir, as datas das aulas gravadas em vídeo nessa escola.

Nome dos Participantes: GRUPO B	Idade	Data das gravações
Ana Lúcia	19	1º semestre de 2005
Angela	22	17 / 05 e 21/06
Daise	27	
Denise	31	e
Eloísa	34	
Fabício	34	
Filipe	29	
João	45	2º semestre de 2005
Jorge	18	13/09
José	26	
Leda	26	
Luis	19	
Marcos	32	
Maria	35	
Sandra	37	
Thiago	26	
Verônica	24	
TOTAL: 17 ALUNOS		

Figura 4: Descrição dos participantes e gravações do Grupo B.

As aulas em ambos os grupos foram ministradas na língua estrangeira por se tratar de um curso de ensino de língua estrangeira com metodologia caracterizada como comunicativa, em que “o foco das aulas está mais voltado para o significado do que para a forma”(Dutra & Melo, 2004: 12). Entretanto, no segundo grupo, muitas vezes fez-se necessário o uso de L1 por tratar-se de um grupo em que a grande maioria havia estudado Inglês de forma muito breve antes, e por isso demonstravam grandes dificuldades e ansiedade no uso de L2 em sala de aula. Neste grupo, o uso de L1 serviu de auxílio, já que mesmo cursando o nível intermediário, muitos tinham uma base lingüística da língua estrangeira muito precária.

5.6

Instrumentos de pesquisa

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados são apresentados nesta seção, baseando-se na fundamentação teórica apresentada anteriormente e de acordo com os objetivos propostos nesta pesquisa.

5.6.1

Gravação em vídeo

Foram gravadas três aulas consideradas típicas, em vídeo, nos dias 16/05, 13/06 e 12/09 no grupo A; e nos dias 17/05, 21/06 e 13/09 no grupo B. Ao registrar as aulas em vídeo, tem-se como objetivo observar e analisar a maneira como os participantes da pesquisa vivenciam o erro durante as aulas. Dessa forma, é possível observar como se deu a interação entre alunos-alunos e professor-alunos no momento em que o erro acontecia.

De um modo geral, a gravação em vídeo não pareceu incomodar os alunos. Entretanto, faz-se necessário mencionar que a gravação em vídeo pode gerar variáveis nas relações em sala de aula assim como nas relações afetivas e ainda na

participação na realização das tarefas. Acredito que essa seja uma limitação recorrente e esperada nesse tipo de pesquisa.

Segundo Erickson (2001: 12), a pesquisa focaliza a análise do discurso oral com o objetivo de documentar detalhadamente a dinâmica das interações face a face, sendo as técnicas de gravação em áudio e vídeo comumente adotadas. Na pesquisa micro-etnográfica, **observar** e **perguntar** são outras características importantes para a análise, que podem gerar diferentes fontes e tipos de dados. Segundo Erickson (2001), o que as ações das pessoas significam para elas pode não estar claro para o pesquisador somente através da observação. Assim, após a coleta de dados busquei interpretá-los com respeito à sócio-construção do conhecimento e como os alunos vivenciam o erro em sala de aula, fazendo uso de questionários (cf: item 5.6.2), para tentar confirmar as observações.

Erickson (2001) ressalta que é através da observação e das gravações em vídeo ou áudio que seria possível uma reflexão sobre a interação em eventos-chave podendo “gerar *insights* sobre organização das ações e interpretações coletivas das cenas corriqueiras do cotidiano, como as da sala de aula” (Erickson, 2001: 15). Dessa forma, seriam tratados o significado literal e metafórico das ações dos participantes ao mesmo tempo que as ações rotineiras seriam documentadas concreta e detalhadamente.

Para o autor, a microetnografia (e a etnografia)

“é o método de pesquisa fundamentalmente mais construtivista à nossa disposição e é especialmente apropriado para tornar analítica e narrativamente visíveis os aspectos mais prosaicos do cotidiano” (Erickson, 2001: 15).

A qualidade da imagem e do som foram consideradas satisfatórias para este trabalho de pesquisa, porém, como se tratava de um grupo grande, não foi possível focalizar todos os alunos ao mesmo tempo. Com o intuito de solucionar essa limitação, a câmera foi movimentada algumas vezes durante a gravação feita pela própria professora (pesquisadora).

5.6.2

Questionários

Há formas variadas de registrar as observações feitas para um trabalho de pesquisa. Entretanto, neste estudo, foi escolhida a combinação de questionários respondidos pelos estudantes e gravação das aulas em vídeo.

No início dos trabalhos de pesquisa, os alunos responderam ao primeiro questionário com o objetivo de fornecer informações gerais sobre os entendimentos deles acerca do tópico erros orais em sala de aula de Língua Inglesa. Procurei saber, através das perguntas, se o aluno gostaria de ser sempre corrigido e se a correção o ajudava. Ainda perguntei, de forma bem generalizada, como eles se sentiam no momento da correção de um erro da fala em relação a quem corrige (cf: ANEXO 7). Dessa forma, pude observar como eles percebiam seus erros e o que acontecia ao seu redor no contexto sala de aula. Esse primeiro questionário foi preparado de pronto, no início das formulações acerca dos pressupostos teóricos envolvidos neste trabalho, com o objetivo de estabelecer os primeiros contatos e a entrada em campo. Como afirmado por Lüdke & André (1986), na seção 5.1, esta parte da pesquisa caracteriza-se como a primeira fase, a de exploração. Porém, as indagações feitas neste questionário não foram satisfatórias para suprir os questionamentos feitos nesse trabalho de pesquisa, de como os aprendizes se sentiam no momento em que o erro oral acontecia. Entretanto, esse primeiro questionário não foi totalmente descartado, sendo utilizadas partes dele como complemento do segundo questionário elaborado para esta pesquisa.

Após as gravações em vídeo, os alunos responderam ao segundo questionário. Esse segundo questionário dividiu-se em duas partes. Na primeira parte, os alunos deveriam responder às perguntas individualmente, de acordo com suas vivências em sala de aula. Com o objetivo de detalhar melhor as informações coletadas, os alunos foram perguntados, por exemplo, se acreditavam que a correção oral fosse sempre necessária, e ainda como eles se sentiam no momento em que o colega ou o professor os corrige (cf: ANEXO 8). Na segunda parte os alunos assistiram partes da gravação das aulas antes de responder às perguntas discursivas. Dessas partes assistidas, foram selecionados momentos em que os

alunos cometiam erros e eram corrigidos por um colega ou pela professora. Nessa fase, o objetivo maior era o de investigar se eles eram capazes de observar quais eram seus próprios erros, o que acontecia no contexto sala de aula naquele momento, e como eles se sentiam quando produziam enunciados incorretos.

Ainda faz-se necessário esclarecer que nem todas as perguntas foram respondidas pelos estudantes. Muitos alunos deixaram em branco algumas perguntas, fato que deve ser levado em consideração na análise dos dados (cf: Capítulo 6).

5.6.3

Sessões de visionamento³¹

Todos os alunos participaram da sessão de visionamento após responderem ao questionário, com o intuito de se investigar se eles eram capazes de observar quais eram os seus próprios erros, e esclarecer como eles os vivenciavam.

Durante a sessão de visionamento, em ambos os grupos a professora parava o vídeo em momentos que julgava necessário para que os alunos fizessem comentários relativos a incômodos causados pela correção ou com relação a seu desempenho oral. Os alunos também podiam pedir o avanço ou retrocesso da fita caso julgassem necessário. Cada vez que a gravação era interrompida, os aprendizes faziam anotações em seus questionários a fim de registrarem qualquer estranhamento por parte deles. Entretanto, a reação de alguns alunos foi de impaciência, não demonstrando nenhum interesse pela atividade. Por essa razão, as respostas coletadas nessa atividade serão analisadas juntamente com as outras, retiradas dos questionários, pois os dados não revelaram uma diferença significativa que justificasse a inclusão de uma sessão separada para o estudo destes resultados.

³¹ O termo *visionamento* foi retirado da dissertação de Mestrado de Cavalari (2005), e refere-se à etapa em que os alunos assistem à gravação das aulas e fazem seus comentários.

5.7

Coleta e seleção dos dados

O *corpus* deste trabalho foi coletado em sala de aula de inglês, como mencionado anteriormente, para dois grupos de alunos de instituições em que eu lecionava no momento da pesquisa. O registro dos dados foi feito através de gravação em vídeo, questionários e notas de campo.

Grupos	Número de aulas gravadas em vídeo	
A	3 aulas	4 horas e 15 minutos
B	3 aulas	6 horas

Figura 5: Número de aulas e horas gravadas.

Posteriormente, iniciei o processo de seleção das aulas, estabelecendo quais fragmentos deveriam fazer parte desta pesquisa. Como critério de seleção, determinei que deveriam ser analisados trechos onde aparecessem os erros orais dos alunos e os momentos de correção, bem como alguns trechos significativos onde a sócio-construção do conhecimento também pudesse ser identificada.

Com o objetivo de selecionar melhor os fragmentos das aulas, foram estabelecidas categorias de correção e vivência de erro usados como instrumentos de metodologia. Os fragmentos foram analisados sob as categorias de vivência de erro, vivência de correção, vivência de correção pela professora, por um par e vivência de auto-correção.

5.7.1

Procedimentos de análise

Após a coleta e seleção dos dados, iniciou-se a fase de revisão, transcrição e análise dos dados, quando foram feitas anotações com o objetivo de

contextualizar elementos do discurso dos alunos relevantes para este trabalho de pesquisa.

Posteriormente, foi iniciada a fase de transcrição dos fragmentos selecionados. Nessa fase, apenas os trechos relevantes para a pesquisa, com exemplos de erros e vivência dos mesmos, foram transcritos. A contextualização desses trechos foi cuidadosamente levada em consideração ao se transcreverem algumas linhas anteriores e posteriores ao trecho selecionado.

Em seguida, iniciou-se a análise propriamente dita dos dados selecionados, investigando-se a vivência dos aprendizes com relação ao erro oral.

Os pressupostos teóricos discutidos anteriormente neste estudo- **oportunidades de aprendizado, a interação em sala de aula, a sócio-construção do conhecimento, o aspecto social, afetivo e cognitivo** –serviram como base para a análise dos dados no capítulo que se segue.

Todo o arcabouço teórico subjacente a este trabalho de pesquisa está focado no momento do erro oral em sala de aula de língua Inglesa. É importante reforçar que a pesquisa focaliza o contexto sala de aula, que por si só já é um evento de diferentes tipos e dimensões, onde a análise dos dados acontecerá. Nossa percepção de sala de aula deve ser, então, tão abrangente como a definição de sala de aula deve ser, a fim de que possamos dar conta de melhor entender esse contexto, as interações sociais que acontecem nele, onde as oportunidades de aprendizado vão surgindo e permitindo que a sócio-construção do conhecimento seja uma verdade constante em nosso cotidiano escolar.

Deve-se ainda lembrar que três aspectos devem ser levados em consideração ao analisarmos como o aluno se sente no momento em que comete um erro oral em sala de aula de língua Inglesa: o aspecto social, o afetivo e o cognitivo. Todos esses aspectos são reconhecidamente importantes para a composição do contexto sala de aula, onde as relações sociais seriam, apesar de complexas, o gancho que uniria os participantes dessa comunidade chamada de aula. O aspecto afetivo também contribui para a formação do contexto sala de aula, uma vez que o afeto é reconhecidamente um fator emocional que influenciaria em grande escala o aprendizado de uma segunda língua. E, finalmente, a contribuição do aspecto cognitivo se torna de igual valor aos aspectos sociais e afetivos, uma vez que o aprendizado passa a ser reconhecido como uma dimensão que deve ser dotada de significado, reconhecendo que os

processos mentais para a aquisição de L2 ocorreriam concomitantemente aos aspectos psicológicos e as relações interpessoais.

Ao privilegiar os pressupostos teóricos revisados neste capítulo, busco dar conta de analisar, no capítulo seguinte, o erro oral cometido pelo aluno de língua Inglesa sob a perspectiva social e interacional, usando os aspectos metodológicos explicados nesta seção.